

Sumário

I- DADOS PESSOAIS	7
II – BREVE BIBLIOGRAFIA.....	8
III- VIDA ACADÊMICA	12
Disciplinas Ministradas na Graduação	19
Disciplinas Ministradas na Pós-Graduação	21
Orientações/Colaborações na Graduação.....	22
Orientações na Pós-Graduação	23
Atividades na Extensão	27
Orientações na Extensão.....	35
Participação em Bancas	36
Participação em Congressos	36
IV- ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	37
V- HOMENAGENS RECEBIDAS	40
VI- ANÁLISE CRÍTICA.....	41



I- DADOS PESSOAIS

Tomaz Henrique Araújo, brasileiro, filho de Aroldo de Araújo e Terezinha de Araújo, nascido em Belo Horizonte – MG, em 22 de fevereiro de 1961, casado com Maria Rita Rodrigues, pai de Daniel Henrique Araújo com 43 anos, Isabella Caroline Araújo Veloso Silva com 42 anos, Tomaz Henrique Araújo Filho com 40 anos, Miguel Rodrigues Araújo com 17 anos e Maria Clara Rodrigues Araújo com 15 anos. Avô do Pedro de Araújo Veloso Silva e do Tobias de Araújo Veloso Silva.

Servidor público Federal com a matrícula nº 3116756, exercendo o cargo de Professor do Magistério Superior junto à Universidade Federal de Alfenas, desde o ano de 1994.

Graduado em Ciências Biológicas, Especialista em Citologia Clínica pela Escola de Farmácia de Alfenas em 1996; Doutor em Ciências, área de concentração em Morfologia, pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina em 2003.

II – BREVE BIBLIOGRAFIA

Nasci em 22 de fevereiro de 1961 em Belo Horizonte e por ser filho de funcionários do Correios e Telégrafos tive a maravilhosa oportunidade de acompanhá-los em inúmeras transferências para agências em cidades de Minas Gerias. Assim, parte de minha infância foi brincar em muitas cidades do interior. Essas constantes mudanças trouxeram à nossa família a vontade contínua de conhecer outras paragens. Lembro-me de numa de nossas reuniões familiares abrimos o mapa do Brasil sobre a mesa e ouvir de meu pai uma saborosa pergunta: - Para onde vamos nos mudar agora?

Numa dessas vezes minha irmã Ivana aponta Belém do Pará no mapa. E pra lá fomos, como já havíamos ido para o Mato Grosso. Nessas andanças passamos pelo Paraná e finalmente fixei raízes em Alfenas.

Essas mudanças me deram a oportunidade de cursar no ensino médio, científico como era denominado nos anos de 1970, três modalidades diferentes de curso técnico: Mineralogia na Escola Técnica Federal de Belém do Pará e Análises Clínicas e Contabilidade em Belo Horizonte. Áreas tão distintas que me agradavam e que acabaram por me conduzir a um curso também muito amplo em suas áreas de atuação: Ciências Biológicas na UFMG, numa época em que ainda era chamado de História Natural ainda sem o reconhecimento legal da profissão de Biólogo.

Em 1982, já casado e pai do Daniel, cursando o terceiro período de Ciências Biológicas na UFMG, iniciei minha carreira como professor. Até 1987, quando me mudo para Alfenas, lecionei em Escola Estadual em Ribeirão das Neves-MG, no Instituto Zilah Frota e nos Colégios Promove de Betim e de Belo Horizonte, dando aulas de Ciências e Biologia para turmas do antigo 4º ano de grupo, 5, 6ª, 7ª e a 8ª série do antigo 1º Grau, 1º, 2º e 3º ano do segundo grau, supletivo de 1º e 2º grau e ensino Pré-vestibular

Registro, ainda nessa época, o meu trabalho como voluntário no Instituto São Rafael, em BH, que é uma escola para deficientes visuais, onde lecionei Biologia para o ensino médio e que me ajudou muito a me aprimorar como professor. Reconheço que mais aprendi naquele curto período letivo de 1985 do que fui capaz de ensinar a aqueles alunos especiais. Também trabalhei com crianças portadoras de deficiências no Instituto Caminhos Para Jesus, localizado em Belo Horizonte.

Essas duas experiências me tornaram mais atento e cuidadoso no tratamento e convivência com as crianças deficientes.

Nos anos de 1987 a 1994, já residindo em Alfenas, trabalhei como professor de Biologia no 1º, 2º 3º ano do ensino médio no Colégio Promove, Colégio Atenas, Pré-vestibular Super-Super e Objetivo e também em colégios e cursinhos nas cidades de Pouso Alegre, Poços de Caldas, Itajubá, São José do Rio Pardo, São Lourenço, Campo Belo, Varginha e Muzambinho.

Em 1990 prestei vestibular para o curso de Farmácia na Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas - EFOA. Aprovado em 1º lugar, cursei disciplinas até o quinto período, quando abandonei o curso em função da elevada carga horária semanal que eu tinha como professor.

Às vezes o acaso nos conduz a caminhos diversos e a escolhas inesperadas, e assim, ao ver num anúncio de jornal, em julho de 1994, o edital para o processo seletivo de professor substituto de Genética na EFOA, e movido mais pela curiosidade de fazer um concurso, fiz a inscrição.

Aprovado como professor substituto iniciei em julho de 1994 a minha carreira no Magistério Superior, na mesma EFOA que me acolhera como aluno. Fui aprovado para lecionar a disciplina de Genética, mas acabei ajudando nas disciplinas de Biologia Celular, Embriologia e Histologia Básica para os cursos de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.

Minha habilidade em desenhar com giz despertou interesse nos colegas de departamento que lecionavam Biologia Celular, Histologia e Embriologia. Naquela época não dispúnhamos de sistema de captura de imagem dos microscópios e assim as lâminas precisavam ser desenhadas no quadro. Poucas semanas depois de ter iniciado essa “ajuda” com giz colorido, passei a auxiliar nas aulas práticas e teóricas. E isso mudou a minha carreira acadêmica.

Em julho de 1995, ao término do contrato de professor substituto, houve a abertura de concurso para o Quadro Permanente da EFOA para o cargo de professor de Histologia, Biologia Celular, Embriologia e Genética no Departamento de Ciências Biológicas. Reconheço que minha experiência como professor nos cursinhos pré-vestibular foi tão essencial para o êxito no concurso como foi o período como professor substituto dessas diferentes disciplinas na EFOA.

E assumo que os muitos anos trabalhando como professor de grupo escolar,

ensino médio, supletivo e pré-vestibular influenciam até hoje o meu modo de ensinar e lidar com os alunos dos diferentes cursos da agora Unifal-MG.

A mistura do viver em diferentes estados e regiões do país, as diferentes realidades escolares e os caminhos tortuosos de minha graduação moldaram um profissional de ensino que transita com gosto e genuíno interesse pela Genética, Botânica, Histologia, Embriologia e Histologia Dental, Zoologia, Biologia Celular e Embriologia. Esse interesse por áreas muito distintas ainda é latente em minha atuação acadêmica.

Assim, entendo perfeitamente o que para muitos é confuso: sou um cientista e não um pesquisador. Em mim sobram mais perguntas, mais curiosidade que a determinação de seguir uma única proposta de linha de pesquisa. Talvez por isso eu também seja um extensionista mais produtivo que o pesquisador. Talvez também por isso meus projetos de extensão sejam tão abrangentes, mas de curta duração.

Consigo também perceber que minha atuação na área da Extensão é certamente reflexo de minha formação como oficial de Infantaria de Montanha do Exército Brasileiro. Formado pelo Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva/R2 no 12º Batalhão de Infantaria de Belo Horizonte, obtive a patente de Aspirante de Infantaria em 1980. Após o Estágio de Serviço no 11º Batalhão de Infantaria de São João del Rey obtive a patente de Segundo Tenente de Infantaria do Exército Brasileiro. A experiência na arte de comandar, fazendo uso de poucos recursos, mas dispondo de aliados qualificados, moldou meu caráter. As boas lembranças da caserna me fizeram optar por ações extensionistas vinculadas ao Ministério da Defesa - Projeto Rondon.

Reconheço também que a minha atuação como professor de religião dentro da *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, desde os meus 17 anos, influenciou também na escolha da profissão de professor. Muito mais que o fato de ser filho de uma professora universitária que até aos 40 anos era funcionária dos Correios e Telégrafos e que, já tendo 5 filhos, obteve o diploma de veterinária.

Ideias brotam, pululam e ainda me despertam o desejo de permanecer nessa carreira, apesar dos já 44 anos de exercício da profissão de professor. Ainda consigo me ver aos 75 anos fazendo do magistério superior o prazer maior da vida, indo pra casa pela aposentadoria compulsória!

III- VIDA ACADÊMICA

Em julho de 1994, simultaneamente às aulas nos colégios e cursinhos Pré-Vestibular de Alfenas, Poços de Caldas e Varginha, iniciei minha carreira acadêmica como professor de Ensino Superior na Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas/EFOA.

Havia sido aprovado como professor Substituto para a disciplina de Genética na vaga criada em virtude do afastamento do Professor José Renan Vieira da Costa que exercia o cargo de Diretor Geral da EFOA. Eu era responsável pelo ensino de Genética Básica para os cursos de Odontologia e Enfermagem. Foram dois semestres com uma carga horária reduzida de aulas dessa disciplina. Como tinha horários disponíveis passei a auxiliar nas aulas dos Professores Beno Kuehne, Elcinéia Teixeira de Carvalho e Maria Auxiliadora Soares do Prado. Esses professores eram responsáveis pelas disciplinas de Biologia Celular, Histologia Básica, Histologia Especial dos Sistemas e Embriologia Básica.

Era uma oportunidade maravilhosa participar daquelas aulas, auxiliando nos desenhos das lâminas de microscopia que faziam parte, naquela época, da metodologia de ensino daquelas disciplinas. Pouco tempo se passou até que esses professores passassem a dividir comigo as aulas teóricas para os três cursos então existentes na EFOA.

E mais que a oportunidade de dar aulas teóricas e auxiliar nas aulas práticas me foi permitido, mesmo sendo substituto, ter acesso ao então Laboratório de Histologia e Biologia Celular, e ao seu único micrótomo e às centenas de frascos de corantes e reagentes utilizados no preparo de lâminas histológicas. Eu me sentia feliz tendo pela primeira vez acesso àquilo que eu sempre quis no período de aluno da UFMG: fazer pesquisas na área de Histologia.

A então Chefe do Departamento de Ciências Biológicas da EFOA, Professora Maria Auxiliadora, a Dora pros amigos, me permitiu iniciar um pequeno projeto de estudo do aparelho digestório de moluscos cefalópodes (lula). Munido mais de boa vontade que conhecimento técnico fui a Ubatuba/SP coletar lulas que eu comprava de pescadores da Vila de Picinguaba. E pra minha própria surpresa obtive material de qualidade que ainda estão emblocados e aguardando um tempinho pra analisar material tão rico.

Ainda como professor substituto consegui trazer para a EFOA a coleção completa de lâminas histológicas confeccionadas pelo Departamento de Histologia da UFMG. Uma parte adquirida com recursos liberados pelo Professor José Renan Vieira da Costa, então Diretor da EFOA e outra parte doada pelo ICB da UFMG. Também trouxe inúmeros modelos em gesso da área da Embriologia, o que nos permitiu enriquecer a dinâmica das aulas práticas dessa disciplina. Ressalto a delicadeza e a disponibilidade da direção do ICB/UFMG e dos professores de quem eu havia sido aluno nos anos de 1980.

Em 1995 foi aberto o concurso para o preenchimento da vaga criada com a aposentadoria do Professor Vinícius Vignoli, Titular da Histologia, que encerrava a sua brilhante carreira acadêmica. Fui aprovado no concurso, mas faço uma confissão pública: a minha maior motivação para entrar na EFOA foi a oportunidade de fazer pesquisa e extensão universitária. As atividades de professor universitário me permitem até hoje ter contato com as comunidades mais pobres de Alfenas, região e de todo o país.

Em 1996 fiz o Curso de Especialização em Citologia Clínica, oferecido pelo Departamento de Análises Clínicas da EFOA, coordenado pelo Professor Selmo de Avila. E nesse mesmo ano passei a ser orientado pelo Professor Dr. Luiz Carlos Uchoa Junqueira da USP, autor do livro *Histologia Básica* que ainda adotado como principal referência bibliográfica em muitas universidades brasileiras estrangeiras.

Da parceria com o Professor Junqueira surgiu um laminário de aulas práticas que distribuí para as escolas estaduais de Alfenas, juntamente com um curso de treinamento para os professores dessas escolas. O principal objetivo era propiciar uma formação mais completa para os jovens de Alfenas que tinham como objetivo passar no vestibular da EFOA. Esse laminário acabou sendo distribuído gratuitamente também para escolas de vários outros estados do Brasil. Como o próprio Junqueira dizia às gargalhadas, era o *“menor dos laboratórios de Histologia do país fornecendo lâminas da melhor qualidade para grandes universidades brasileiras e para as escolas mais pobres”*.

Graças aos anos de convivência com o Professor Junqueira, e aos artigos publicados, fui aceito no Programa de Pós-graduação em Morfologia da Unifesp/EPM para fazer doutorado sem ter o título de Mestre. Naquela época, 1998, essa não era uma prática comum. Creio ter sido o primeiro aluno da Unifesp/EPM a

obter da CAPES o direito de fazer doutorado sem o título de Mestre.

Meu doutorado se estendeu até setembro de 2003, período em que apesar de oficialmente afastado tive que continuar voltando semanalmente a Alfenas, um ou dois dias por semana, para dar aulas de Genética. Além dos gastos com transporte eram cansativas aquelas longas viagens de ônibus durante a madrugada. Eram necessárias porque não tínhamos professor substituto para ocupar a vaga criada com meu afastamento temporário.

Atividades Profissionais:

- Professor de ensino básico e médio e pré-vestibular de 1982 a 1999 nas cidades de Betim, Ribeirão das Neves, Varginha, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Itajubá, São Jose do Rio Pardo e Alfenas.
- Professor de Biologia Celular, Histologia Básica, Histologia dos Sistemas, Histologia e Embriologia Oral e Genética de 1994 até hoje na Unifal-MG.

Disciplinas Ministradas na Pós-Graduação

- Microscopia Eletrônica aplicada ao laboratório de Saúde Pública - Mestrado da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo/ Instituto Adolfo Lutz.
- Histologia Oral para o curso de Especialização em Implantodontia da Unifal-MG.
- Histologia e Embriologia Oral para o curso de Periodontia da Unifal-MG.
- Biologia e Genética do Envelhecimento para o curso de especialização em Gerontologia da Unifal-MG.
- Bioquímica e Histologia Odontológicas. Programa de Pós-graduação em Ciências Odontológicas, Unifal-MG.
- Tópicos Especiais em odontologia II: Metodologias e procedimentos em análises histológicas. Programa de Pós-graduação em Ciências Odontológicas, Unifal-MG.

Orientações/Colaborações na Graduação

- Silmara Rodrigues Machado - PROBIC/UNIFAL-MG, colaborador, 2005.
- Renato Carvalho Paulino da Costa - Iniciação Científica, colaborador, 2005.
- Willian Moraes de Melo - Iniciação Científica, colaborador, 2005.
- Lynus Vieira de Almeida- Iniciação Científica, Bolsa Fapemig, colaborador, 2005.
- Natália Galvão Garcia – Monitoria, orientador, 2006.
- Thayane Silveira Mata Furtado - Monitoria, orientador, 2006.
- Michele Gotelipe de Souza Corrêa - Estágio Interesse Curricular, orientador, 2007.
- Leonardo Ferreira – Iniciação Científica, orientador, 2007.
- Maico José Ferreira – Iniciação Científica, orientador, 2007.
- Amanda Paula Vieira Pereira, Iniciação Científica, orientador, 2007.
- Mariana Cirillo Diniz, Iniciação Científica, orientador, 2007.
- Jussaro Alves Duque – Monitoria de Histologia Dental, orientador, 2007.
- Adriana Cristina Fonseca Miranda - Monitoria de Histologia Dental, orientador, 2007.
- Maycon dos Santos Vilela - Monitoria de Histologia Dental, orientador, 2007.
- Aline Vieira – Monitoria de Histologia Dental, orientador, 2007.
- Paula Comune Pennacchi - Estágio Curricular, orientador, 2007.
- Gisele Aparecida Lilan, Estágio Curricular, orientador, 2007.
- Nathalia Romanelli Vicente Dragano, Estágio Curricular, orientador, 2007.
- Amanda de Lima Sant'Ana - Orientação TCC, orientador, 2008.
- Paula Comune Pennacchi - Orientação TCC, orientador, 2008.
- Ana Elis de Castro - Orientação TCC, orientador, 2008.
- Raquel Cristina Galati - Orientação TCC, orientador, 2008.
- Larissa Lopes Barbosa de Oliveira - Iniciação Científica, orientador, 2008.
- Amanda Paula Vieira – Estágio Interesse Curricular, orientador, 2009.
- Leonardo Ferreira - Estágio Interesse Curricular, orientador, 2009.
- Maico José Ferreira - Estágio Interesse Curricular, orientador, 2009.
- Mariana Cirillo Diniz - Estágio Interesse Curricular, orientador, 2009.
- Ana Cláudia Teixeira de Souza, Iniciação Científica, 2011, Fapemig, orientador, 2011.
- Gustavo de Oliveira Brida, Iniciação Científica, orientador, 2011.
- Aline Aparecida da Silva, Iniciação Científica, orientador, 2011.

- Marília Aparecida Pereira, Iniciação Científica, orientador, 2012.
- Thiago Rodoval Borges Jordão, Iniciação Científica, orientador, 2014.
- Danielle Cássia de Silva, Iniciação Científica, orientador, 2014.
- Hellen Caroline Marinho, Iniciação Científica, orientador, 2015.
- Karina Lima, Iniciação Científica, coorientador, 2019.
- Eduardo Pacífico, Iniciação Científica, coorientador, 2019.
- Carla de Oliveira, doutorado, coorientador, 2019.

Muitas outras orientações de iniciação científica, mestrado e artigos publicados até agora em 2026. A última delas encerrada em 12 de março com a defesa de dissertação do aluno de mestrado do Programa de pós-graduação em Ciências Odontológicas da Unifal-MG

Atividades na Extensão

Além de ver a atividade extensionista como uma obrigação contratual com o serviço público federal, o meu ser político entende que também é minha obrigação trabalhar para diminuir a desigualdade social. Não como exercício de caridade, mas como pagamento de uma dívida assumida desde que ingressei como aluno em escolas públicas sustentadas pelos impostos majoritariamente pagos pela população mais pobre desse país.

Esse pensamento manifestei publicamente e isso foi gravado por uma equipe de repórteres de televisão que, em julho de 2013, acompanhou minha atuação como coordenador de uma operação executada pela Marinha do Brasil. Ao coordenar essa Ação Cívico Social (ACISO) nos meandros da Ilha do Marajó ampliei o trabalho dos médicos, farmacêuticos, nutricionistas, enfermeiros, dentistas, exames laboratoriais e distribuição de medicamentos para além das instalações do navio PARÁ da Marinha do Brasil. Esse navio estava fundeado no Rio Pará, defronte à cidade de Portel, cidade com o menor IDH do Brasil. O repórter ao me entrevistar perguntou o que me movia a ser tão diligente naquele trabalho de caridade:

- Mas isso não é caridade! Caridade é dar o que nos sobra. Estou aqui pagando uma dívida social que todos os brasileiros temos com a população carente desse país.

As várias horas de trabalho jornalístico sobre essa Operação ACISO constituem 3 programas que foram ao ar pela Rede Record e que estão disponíveis para

visualização na página oficial do Projeto Rondon e também no site do Youtube, com o título de Operação ACISO 2013, realizada no estado da Pará, Ilha do Marajó.

Sei que atividades extensionistas são muito mais que esse pagamento de dívidas sociais, mas essa visão é a que me moveu, move e continuará sendo o meu norte. Assim, mesmo nas atividades de extensão em que produzi material didático, o objetivo era esse ressarcimento social. No início fazia-o através de laminários e ferramentas didáticas que eram distribuídas em escolas da rede pública de Alfenas.

- Projeto de Extensão “Elaboração do laminário de Histologia Animal comparada” vinculado ao Programa “Análise”, realizado em 2007.

- Projeto de Extensão “Elaboração do laminário de Histologia Animal comparada” vinculado ao Programa “Análise”, realizado em 2008.

- Projeto de Extensão “Laminário de Histologia Vegetal comparada” vinculado ao Programa de Extensão “Plantas medicinais do sul de Minas – PROPLANS”, realizado em 2007.

- Projeto de Extensão “Laminário de Histologia Vegetal comparada” vinculado ao Programa de Extensão “Plantas medicinais do sul de Minas – PROPLANS”, realizado em 2008.

Desde 2007 participo como coordenador de Operações do Projeto Rondon coordenado pelo Ministério da Defesa através do Departamento de Projetos Sociais desse ministério. Executo atividades nas áreas da Saúde, educação, trabalho e justiça, meio ambiente, cooperativismo e comunicação. Assim, trabalho por exemplo, com doenças sexualmente transmissíveis, parasitoses, diabetes, doenças endêmicas e ainda com alfabetização, leitura, inclusão de alunos, escravidão, conselhos municipais e uma relação muito ampla de atividades que devem ser executadas nos municípios de baixo IDH selecionados pelo Ministério da Defesa.

Já montei equipes multidisciplinares com alunos dos cursos de odontologia, enfermagem, pedagogia, física, química, farmácia, nutrição, geografia, história,

engenharia química, ciências biológicas, biomedicina, fisioterapia, economia e ciências atuariais, saneamento, engenharia civil e letras.

Exemplo de algumas das oficinas:

- 1 Gestantes, desnutrição, aleitamento materno.
- 2 Conselho Municipal de Saúde
- 3 Conselho Municipal de Assistência Social
- 4 Educação sexual e reprodutiva de jovens e adolescentes
- 5 Conselho Municipal da Criança e Adolescente
- 6 Oficina de confecção de elementos folclóricos
- 7 Conselho Municipal da Educação
- 8 Atenção à saúde bucal nos ciclos de vida
- 9 Importância da saúde bucal
- 10 Gestão de Políticas Públicas
- 11 Preservação e armazenamento de alimentos
- 12 Saúde da família
- 13 Inclusão do aluno com deficiência e distúrbios de aprendizagem
- 14 Fomento à leitura
- 15 Prevenção de álcool, drogas e prostituição infantil.
- 16 Enfrentamento do trabalho infantil
- 17 Atendimento ao público: áreas da saúde e educação.
- 18 Elaboração de material didático: técnicas de estímulo à leitura.
- 19 Preservação e armazenamento de alimentos
- 20 Doenças endêmicas locais e Zoonoses
- 21 Primeiros Socorros
- 22 Técnicas de ensino e aprendizagem
- 23 Atividades de recreação na Escola
- 24 Cuidadores de Idosos

Minhas equipes trabalham 14 dias nos municípios para os quais somos selecionados e executamos oficinas/ações que capacitam multiplicadores locais como os gestores públicos, os servidores nas áreas da educação saúde, justiça e trabalho, totalizando mais de 300 horas de atividades em cada uma das operações.

Incluindo os dois meses gastos na elaboração e submissão do projeto de cada projeto, visita ao município, capacitação dos acadêmicos, execução da operação e elaboração de relatórios finais para o MD e município, cada operação tem uma duração média de 7 meses.

Já foram 20 operações, em 20 anos, em 14 estados brasileiros, tendo beneficiado diretamente mais de 230.000 brasileiros

- Operação Centenário do Projeto Rondon, município de Jordão, Floresta Amazônica, aldeias de índios Kaxinauwá, Acre. Julho de 2007
- Operação Grão Pará, município de Santarém Novo, colônia de catadores de caranguejos, mangue, Pará. Janeiro de 2008
- Operação Verão, município de Jordão (2ª vez), Floresta Amazônica, aldeias de índios Kaxinauwá, Acre. Fevereiro de 2008
- Operação Norte de Minas, município de Fruta de Leite, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Julho de 2008
- Operação Seridó, município de São José do Seridó, comunidade de bordadeiras na região do Seridó, caatinga, Rio Grande do Norte. Janeiro de 2011
- Operação Arara Azul, município de Caracol, região do pantanal, Mato Grosso do Sul. Julho de 2011
- Operação Babaçu, município de Buritirana, comunidade de catadores de babaçu, região de floresta de babaçu – floresta Amazônica, Maranhão. Janeiro de 2012
- Operação Capim Dourado, município de Itapiratins, região do cerrado, comunidade de pescadores das margens do rio Tocantins. Tocantins. Julho de 2012
- Operação Canudos, município de Queimada Nova, caatinga, comunidade de quilombolas. Piauí. Janeiro de 2013.
- Operação Portal da Amazônia, município de Buritirana (2ª vez), comunidades rurais, região de floresta de babaçu, floresta amazônica, Maranhão, janeiro de 2014.
- Operação Porta do Sol, município de Araruna, comunidades rurais, região de caatinga. Paraíba. Janeiro de 2015
- Operação Alto do Vale, em 20 municípios do Vale Europeu , em Santa Catarina, 2016.
- Operação Rondônia Cinquentenário, município de Urupá, comunidades rurais, floresta amazônica. Rondônia. Julho de 2017.

- Operação Norte de Minas, município de Josenópolis, Vale do Jequitinhonha. Julho de 2022.
- Operação Sentinelas Avançadas, município de Campo Novo de Rondônia/Rondônia, comunidades rurais. Julho de 2023.
- Operação Onça Cabocla, São João da Ponte/ Minas Gerais e São João da Lagoa, Jequitinhonha/ MG. Janeiro de 2024
- Operação Sul de Minas I, município de Conceição dos Ouros, Minas Gerais. Janeiro de 2025
- Operação Carimbó, município de Brejo Grande do Araguaia, Pará. 2026.

Além dessas operações obtive também aprovação de mais dois projetos nos editais de julho de 2008 para execução simultânea no município de Itaóca-SP (comunidades quilombolas) e Santarém Novo-PA (catadores de caranguejos - 2ª vez).

Em abril de 2013 o Ministério da Defesa, através da Secretaria de Pessoal, Ensino Saúde e Desporto, em ofício encaminhado à Unifal-MG, me indicou para coordenar uma equipe interdisciplinar em uma Operação da Marinha do Brasil denominada “Ação Cívico Social” (ACISO).

Nessa operação, executada em julho de 2013, trabalhei com acadêmicos de 22 IES do Brasil, sendo um aluno de cada unidade federativa. Além desses acadêmicos dos cursos de medicina, odontologia, farmácia, nutrição, assistência social e enfermagem, faziam parte da equipe uma guarnição de Fuzileiros Navais, os oficiais e praças do navio NA-Pará, os oficiais médicos, dentistas e farmacêuticos do Hospital da Marinha de Belém do Pará e uma equipe de servidores do INSS. A Operação estava sob o comando do 4º Distrito Naval de Belém do Pará.

Nossa área de atuação estava inicialmente restrita às comunidades ribeirinhas dos meandros da Ilha do Marajó, num entorno de até 4 km de Portel e Melgaço, dois municípios daquela região que apresentavam em 2013 os menores IDHs do país.

Todo o planejamento da operação pelo foi realizado em maio de 2013,

período em que estive por 5 dias reunido com os oficiais do Comando do 4º Distrito Naval. A operação consistiria de atendimento à população ribeirinha, incluindo exames laboratoriais, mamografias, atendimento médico e odontológico, assistência social e distribuição de medicamentos, prevendo em 10 dias de trabalho atender aproximadamente mil pessoas.

Em julho de 2013, no segundo dia de execução dos trabalhos, por minha iniciativa estendi a área de atuação. Utilizando de lanchas da Marinha do Brasil e dos Fuzileiros Navais ampliei a área de abrangência de 4 para 60 km ao redor do navio. Assim, além de Portel e Melgaço, no rio Pará, chegamos aos rios Anapú, Camaraipí, Pacajá, Banam, Pacajaí e Acuti Tereira. Essa ampliação da área de atuação nos levou a navegar 60 km subindo cada um desses rios. E a cada dia de viagem íamos encontrando comunidades e meandros de rios que nem faziam parte das cartas náuticas da região. Chegamos às comunidades de Menino Deus, Nova Sião, Santo Antônio, Santa Luzia (Rio Anapú), Castanhal, Banam, Merengue, Vila Correa, Vale da Benção, Vila Paraíso, Amparo, Miritituba, Chico Maia, Acangatá e Vila do do Lega (Rio Camaraipí), Vila Sipriano, Santo Agostinho, Nova Odessa, (Rio Pacajá), Carlos Gomes (Rio Acuti Tereira) e a Ilha Grande no Rio Pacajaí além do município de Bela Vista do Cocal. Segundo o oficial Comandante do NA-Pará, Capitão Luiz Ricardo, chegamos a comunidades e rios onde a Marinha do Brasil nunca havia estado.

Uma parte da equipe continuava os trabalhos no navio e eu e uma equipe menor atendíamos essas comunidades distantes. Saíamos do navio ao clarear do dia e muitas vezes voltávamos já depois das 23:00h, contrariando regras de segurança e alterando a rotina de navegação daqueles Fuzileiros e Marinheiros.

Em 4 dias eu já havia consumido quase todo o estoque de medicamentos, anestésicos, fios de sutura e kits laboratoriais, além do combustível das lanchas. Os trabalhos continuaram porque na madrugada daquele quinto dia o Almirante Comandante do 4º Distrito Naval enviou uma corveta de Belém com mais suprimentos, combustível, lanchas de ação rápida (LAR) e militares. Essas lanchas mais rápidas e seguras e o aumento do contingente de militares garantiram a continuidade dos trabalhos pelos rios da região. O 4º Comando Naval aceitou a minha determinação em atender aqueles ribeirinhos mais afastados. Fizemos 1270 cirurgias exodônticas e inúmeros outros atendimentos odontológicos nas barrancas

dos rios, distribuimos mais de 33.000 medicamentos e atendemos mais de 6000 pessoas em palafitas, igrejas e campos. Em muitas das comunidades ribeirinhas encontramos moradores que pela primeira vez tinham contato com médicos, fisioterapeutas, farmacêuticos, enfermeiras e dentistas.

A rotina diária de trabalho incluía o deslocamento em várias lanchas para uma comunidade ribeirinha previamente contatada no dia anterior. Os próprios moradores se encarregavam de avisar aos outros habitantes que viviam mais embrenhados na floresta. Quando chegávamos ao local previamente preparado para os atendimentos, encontrávamos às vezes centenas de moradores nos aguardando. Fazíamos uma triagem dos pacientes e quando a rotina de trabalhos de atendimento estava estabelecida, e as refeições preparadas, eu deixava a minha equipe e partia escoltado pelos Fuzileiros Navais para mais uma viagem pelos rios buscando as comunidades que seriam atendidas no dia seguinte. À noite encontrava no navio com aqueles que atenderam naquele dia e designava a equipe itinerante do dia seguinte.

Ressalto que essa rotina funcionava por que no navio parte da equipe continuava atendendo aos ribeirinhos sob a coordenação da Professora Carmem Lúcia Hilst, da Universidade Estadual do Paraná. Ela fora convidada como subcoordenadora e aceitara e apoiara a minha proposta expandida de atendimento à população ribeirinha.

Nos anos de 2014 e 2015 a Unifal-MG pode participar novamente de operações ACISO da Marinha do Brasil através de convite a mim dirigido. Enviamos em 2014 um aluno de Pós-graduação e em 2015 uma técnica lotada no Laboratório de Genética. Os dois representantes da universidade foram instruídos e orientados por mim nas atividades que seriam executadas novamente na região de Portel e Melgaço/PA.

Em abril de 2016 fui convidado pelo Núcleo Rondon/Pró-reitoria de Extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) para coordenar, em parceria com os professores daquela instituição, a Operação Alto Vale. A Unifal-MG participou da execução da operação no mês de julho/2016 com 16 acadêmicos, 4 professores e 1 técnico. Essa equipe foi distribuída entre os grupos de trabalho constituídos por professores e acadêmicos da UDESC, ESALQ - USP, Universidade Federal da

Fronteira Sul e Faculdade de Medicina de Marília. Já a minha participação foi atuar como coordenador geral em 20 cidades da região do Vale Europeu em Santa Catarina. Trabalhei nesses municípios acompanhando a execução das ações planejadas e no contato com os prefeitos, vereadores e secretários municipais.

Trabalhamos por 10 dias nas cidades de Agronômica, Atalanta, Dona Emma, Ibirama, Imbuia, Ituporanga, José Boiteux, Laurentino, Lontras, Mirim Doce, Petrolândia, Pouso Redondo, Presidente Nereu, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul, Santa Terezinha, Taió, Trombudo Central e Vitor Meireles. Foram realizadas 1481 oficinas atendendo 60.431 mil pessoas diretamente, com a participação de 300 rondonistas.

Orientações na Extensão

Nos vários projetos e programas executados na Unifal-MG, nas Operações Rondon e nas Operações ACISO, orientei o total de 462 acadêmicos. A relação desses acadêmicos está disponível nas páginas oficiais do Projeto Rondon/MD e Núcleo Extensionista Rondon/UDESC.

O público atendido nesses meus anos de atividade extensionista ultrapassam 230.000 em 39 municípios, 119 comunidades rurais e ribeirinhas e em 14 estados da Federação (AC, PA, RO, MA, PI, RN, PB, TO, MS, SP, MG, SC, PR, AM). O somatório dos municípios e comunidades ribeirinhas e rurais está registrado nas páginas oficiais do Projeto Rondon/MD, Núcleo Extensionista Rondon/UDESC e diário de bordo do NA-Pará.

V- HOMENAGENS RECEBIDAS

1- Certificado emitido pelo governo estadual de Rondônia me nomeando Embaixador da Psicultura Nativa e Defensor da Amazônia.

Julho de 2017. Porto Velho/RO

2- Certificado de Honra ao Mérito conferido pela Câmara Municipal de Jordão pelo trabalho realizado com as comunidades indígenas Kaxinawá na Floresta Amazônica.

Julho de 2007. Jordão/Acre

3- Diploma e placa comemorativa emitidos pelo Ministério da Defesa pelos 20 anos de atuação como Rondonista. Janeiro de 2026, Apucarana- PR

A oportunidade de fazer uma revisão da minha atuação como professor, ao longo desses muitos anos, acabou por exigir de mim mesmo uma análise mais profunda e pessoal. Acabei revisando também minha existência como pessoa, como marido, como pai, como filho e amigo.

Assim, descobri que fiz menos do que poderia ter feito, briguei mais que o sensato, batalhei por causas perdidas, combati nem sempre o bom combate. Reneguei ao segundo plano, as vezes desprestigiando ainda mais, amigos, família e conceitos éticos e religiosos.

Mas, orgulho-me da profissão escolhida, seja atuando como professor de grupo escolar ou como doutor de uma universidade. Salas de aulas são todas iguais, tudo é ensino, tudo é a mesma coisa. Tudo é importante.

Tive a felicidade de ser professor da Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas, vivi a sua transformação em Centro Universitário e posteriormente em Universidade Federal de Alfenas. Estive presente na sua festa comemorativa de 80, 90 e 100 anos, e olho com ansiedade para o futuro, temendo pelo que se pode destruir com governos cada vez mais descomprometidos com a educação.

Sou professor em uma universidade pequena, de orçamento ainda menor, sem laboratórios de ponta ou histórico de aprovação de projetos vultuosos. Isso torna a pesquisa algo que vai muito além da atividade intelectual, das ideias e planos de pesquisa. Aqui a pesquisa nos puxa para o rasteiro das dificuldades, para a arte de se pesquisar e publicar sem verbas para os reagentes, os materiais básicos, as vidrarias e os equipamentos.

Sempre tive a pesquisa como meu maior desejo, sempre desejei contribuir pra cura do câncer ou para a descoberta de uma nova galáxia, e a universidade me deu essa opção de trabalhar pesquisando. Publiquei pouco, orientei poucos, não tive recursos financeiros para isso e às vezes não tive a garra necessária para buscá-los de forma mais efetiva.

Fiz da Extensão a minha vontade de ensinar os mais necessitados a pescarem, muitas vezes dando o peixe pela mais urgente necessidade de pagar dívidas sociais. Nisso orientei centenas de jovens universitários, eduquei milhares de indivíduos espalhados por dezenas de cidades e centenas de comunidades.

Dediquei anos de trabalho e estudo à tentativa de formar gestores municipais conscientes de sua importância, crendo eu em sua honestidade e disposição em melhorar a saúde, educação, trabalho e justiça de seus eleitores.

Batalhei dentro da universidade pelo foco nas suas atividades fins: ensino, pesquisa e extensão. Algumas vezes fui entendido, outras vezes não entendi o que queriam meus colegas servidores. E vou aprendendo com eles e me tornando melhor.

Ainda terei muito tempo para fazer novamente o que deu certo, pra corrigir o que está errado e sonhar com tempos mais ricos e produtivos. Ter 65 anos de idade justifica essa esperança em mim mesmo como professor, pesquisador e extensionista.

Quando comecei no magistério superior eu era quase tão jovem como meus alunos, hoje sou quase avô deles todos e os encontro esparramados pelo mundo.

Compreendo que um memorial é a história da vida acadêmica universitária, da pesquisa, da extensão, das orientações, das atividades de administração, mas não pude impedir que nesses meses de preparação eu me pegasse fazendo contas, numa tentativa frustrada de lembrar turmas, escolas, colégios, faculdades, amigos, diretores, técnicos e faxineiras.

Surgiram números, talvez sejam maiores, talvez sejam menores, mas certamente os que cito não estão muito distantes da realidade:

- 44 anos de magistério, sendo 32 anos no magistério superior.
- 8 diferentes disciplinas em 6 cursos de graduação.
- 4 disciplinas em 1 programa de pós-graduação.
- 4.700 acadêmicos entre dentistas, farmacêuticos, enfermeiros, biólogos, biomédicos, fisioterapeutas.
- 29.000 alunos nos grupos escolares, colégios, pré-vestibulares, supletivos.

E há muito tempo, em 1985, num final de aula no supletivo, lá em Ribeirão das Neves, uma pergunta real, sincera e sem intenção de escárnio:

“Professor, o senhor só dá aula ou trabalha também?”